

ENTREVISTA

INFÂNCIAS

(re)pensando entendimentos, articulações e possibilidades

Cláudia Ribeiro*

Diversidade: A partir de tuas pesquisas e estudos, quais entendimentos sobre as infâncias e as sexualidades vens construindo?

Cláudia: Desde 1992, com a produção da pesquisa “A fala da criança sobre sexualidade humana – o dito, o explícito e o oculto” sigo instigada a mergulhar nesses desafiadores conceitos: sexualidades e infâncias. No livro *Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como tema transversal*, escrito com Ana Maria Facioli de Camargo em 1999, afirmamos que a infância foi concebida e tratada de diferentes maneiras em diferentes momentos e lugares da história da humanidade; são tantas as infâncias quantas forem as ideias, práticas, discursos que se organizam “em torno” e “sobre” ela. Mas, por que “sobre” ela? Porque como objeto de estudo tem sido o adulto que estuda, organiza e decide por ela. Na contramão desses saberes, poderes e verdades, Larrosa (1999, p. 185) diz que a presença enigmática da infância “inquieta a soberba da nossa vontade de saber (...) a arrogância da nossa vontade de poder (...) e a presunção de nossa vontade de abarcá-la”.

*Professora associada da Universidade Federal de Lavras atuando no ensino, na pesquisa e na extensão produzindo conhecimento nas temáticas de Sexualidade e Gênero. Coordena o Grupo de Pesquisa Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na contemporaneidade: a problemática da Formação Docente. Realizou pós-doutorado na Universidade do Minho - Braga, Portugal sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Filipe Araújo. Coordenadora do PIBID Pedagogia/Gênero e Sexualidade - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. Coordenadora do Projeto aprovado PROEXT/MEC 2015 - Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas Gerai

Contraditoriamente, a noção de infância carrega consigo a ideia daquele que não fala e, por não falar, a criança ocupa a terceira pessoa nos discursos que dela falam. Assim, se a criança tem sido alvo de normas traçadas pela família, pelos médicos e pelos teóricos da educação que prescrevem como tratá-la e educá-la, ao mesmo tempo sua alteridade “nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder” (LARROSA, 1999, p. 185).

Ora, se a concepção de infância navega pelas contradições, e assumo que seja uma invenção, a de sexualidade também. Foucault (1988) diz que a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico, referindo-se aos múltiplos espaços das relações sociais como a família, a igreja, as leis, a escola, a mídia, e que seus discursos nos constituem. Saberes, poderes e verdades surfando pelos controles e resistências.

Algumas perguntas emergem a partir dessas concepções: “qual a medida da nossa responsabilidade?” (LARROSA, 1999, p. 186). O que fazer para que a criança tenha a sua voz respeitada na radicalidade de sua diferença? Esse mesmo autor diz que a infância, “além de qualquer tentativa de captura, questiona o poder de nossas práticas” (p. 184). Outra pergunta: por que é tão difícil lidar com a alteridade da infância? Com que intencionalidade educadores e educadoras, que atuam nas instituições de Educação Infantil, elaboram as atividades a serem desenvolvidas com as crianças, para fazerem emergir suas vozes sobre gênero e sexualidade? Quais atividades realizar para penetrar em temas tão delicados que esbarram nas fronteiras da intimidade?

Esses têm sido questionamentos que instigam minhas pesquisas, na tentativa de imbricar o conceito foucaultiano de dispositivo da sexualidade marcado de historicidade, de processos de produção de verdades e, com essa ferramenta, problematizar conceitos que essencializam, generalizam e naturalizam, como as ideias de Larry Constantine e Floyd Martinson no livro intitulado *Sexualidade Infantil Novos Conceitos*, publicado em 1984; Freud e os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade; e o livro de Vèronique Jagstaidt intitulado *A Sexualidade e a Criança*, publicado em 1987. Sigo tentando questionar a delimitação de fases, estágios, períodos, etapas e, nas ideias de Larrosa (1999), encontro eco para conceber processos educativos diante da “presença enigmática da infância” sem propostas de decifrá-la.

Diversidade: Como desconstruir as representações que as crianças são inocentes e assexuadas?

Cláudia: Inserindo as problematizações das relações de gênero e sexualidades nos processos da formação inicial e continuada de educadoras e educadores, reuniões com as famílias, projetos com adolescentes, com integrantes das redes de proteção. Para tanto sistematicamente, na articulação de cidades do sul de Minas Gerais – quase trinta cidades da região – amplia-se sobremaneira a possibilidade de produção de conhecimento para e na Educação Infantil, um campo intersetorial, interdisciplinar, multidimensional e em permanente transformação. A história dessa articulação possibilitou a efetivação de projetos tais como: 2004, 2005 e 2006 (PROEXT/MEC): Construindo práticas a partir dos compromissos com a defesa dos direitos sexuais de crianças e adolescentes no combate ao abuso e exploração sexual; 2007, 2008 (SECAD/MEC): Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes e proteção. Em 2009, para execução em 2010 (SECAD/MEC): Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil. Os estudos do livro produzido com o mesmo título até hoje são realizados por grupos de educadoras e educadores nas cidades da região. E em 2014, para execução em 2015/2016, o projeto Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais, aprovado pelo PROEXT/MEC.

Todos esses projetos geraram livros, artigos, produção de materiais que objetivam justamente lutar contra essas concepções de criança inocente e assexuada, tentando não reduzir a infância “àquilo que os nossos saberes podem objetivar e abarcar e aquilo que nossas práticas podem submeter, dominar e produzir” (LARROSA, 1999, p. 194).

Diversidade: Que ações nas escolastens realizado a fim de superar essas representações?

Cláudia: No cotidiano dos processos de formação inicial e continuada de educadoras e educadores, na emergência das questões do “como fazer”, sem respostas prontas e definitivas, os Estudos Culturais têm nos indicado algumas pistas, resultantes de movimentações teóricas e políticas que se articulam contra concepções elitistas e hierárquicas de cultura. Assim, dá-se

grande importância aos artefatos culturais, que nos contam coisas sobre si e sobre o contexto em que circulam e são produzidos. O blog www.pibidpedagogiaufra.blogspot.com.br veicula vários textos – livros de histórias para crianças, vídeos, filmes, que desencadearam a fala das crianças.

A concepção de que a infância é um outro “aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas” (LARROSA, 1999, p. 184) incita a produzir outros materiais para que, no contato com eles, as crianças expressem a sexualidade e experienciem as relações de gênero. Se a infância – entendida como um outro – “não é o que já sabemos, mas tampouco é o que ainda não sabemos” (idem) o que inserir nas práticas educativas nas temáticas de gênero e sexualidade?

Essas perguntas têm reiteradamente tomado forma no planejamento das atividades com as crianças: qual a intencionalidade das ações, sempre colocadas em suspeição, tentando não sucumbir aos “critérios metódicos de nossa vontade de saber e de nossa vontade de poder” (idem, p. 185).

Diante desses inúmeros desafios, nos processos de produção de conhecimento, seja no ensino de graduação e pós-graduação, na pesquisa e na extensão, tento instigar as pessoas a pensar nos espaços heterotópicos e nos espaços das impossibilidades. “O impossível é o outro de nosso saber e de nosso poder, aquilo que não se pode determinar como resultado de um cálculo” (idem, p. 194). Ora, se Larrosa nos desafia com esses pressupostos, se Britzman (2001) nos instiga a não dessexualizar a sexualidade nos processos educativos e se as relações de gênero são produções da nossa cultura –haja atenção para não fazer justamente o movimento de sufocar o enigma da infância!

As atividades desenvolvidas com as crianças têm muita música, histórias, sementes, conchinhas, pedrinhas, terra, areia, tecidos diversos: filós, chitão, retalhos; tapetes de sensação, fitas, barbantes, elásticos, dentre tantos outros, para criação de um espaço das impossibilidades com muita cor, muita textura diferente, onde as crianças entram descalças para experimentar o que foi intencionalmente disponibilizado.

Diversidade: Como incluir essas temáticas no currículo escolar?

Cláudia: Nesses vários anos de experiência ao ministrar as disciplinas de Psicologia

da Educação, Escola e Currículo Política e Planejamento Educacional na graduação e Educação e Arte na pós-graduação, dentre outras, transversalizo as temáticas de gênero e de sexualidades, intencionalmente desencadeadas por filmes, artigos científicos, artigos de jornais e propagandas diretamente relacionadas aos conteúdos das referidas disciplinas. Não só a transversalidade potencializa as discussões - os projetos de extensão enviados para os órgãos de fomento e que preveem bolsistas discentes das graduações são, também, campos férteis para estudos e produção de conhecimento nessa área. Tais produções são submetidas a congressos, seminários, inseridas em livros que são disponibilizados em projetos de formação continuada de educadoras e educadores.

Diversidade: Como traçar estratégias para um trabalho pedagógico em educação para a sexualidade com as crianças?

Cláudia: As estratégias estão estreitamente ligadas ao referencial teórico que embasa a concepção de infância, gênero e sexualidade. Há um conceito que estudo atualmente com as/os discentes ligados/ as ao grupo de pesquisa "Relações entre a filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: A problemática da formação docente" e que tem sido potente para articular saberes e fazeres: o conceito de estética da existência. Nietzsche e Foucault instigam a articular vida e arte. A vida como obra de arte navega na direção contrária aos controles, às normalizações, ao disciplinamento dos corpos, enfim, aos fascismos. A proposta é a reinvenção na liberdade. Assim, a estratégia é tentar disponibilizar os diferentes materiais para que a criança seja criadora de suas brincadeiras, como artista de si, experienciando o prazer de criar, de descobrir. Essa proposta surfa pela ludicidade!

Diversidade: Enquanto coordenadora do PIBID Pedagogia da Universidade Federal de Lavras, que ações pedagógicas tens desenvolvido voltadas para a educação para a sexualidade e para a diversidade sexual e de gênero?

Cláudia: O PIBID Pedagogia UFLA, coordenado por mim e pela Profa. Carolina Faria Alvarenga, atua especialmente com Gênero e Sexualidade. Poucos no Brasil são tão específicos. Assim, desde o início do Programa, no primeiro semestre letivo de 2014, propusemos às integrantes e ao integrante da equipe (10 bolsistas e 2 professoras

supervisoras) o estudo dos textos que integram o livro “Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil”. Esse livro foi composto por equipes de cinco universidades federais: a Universidade Federal de Lavras (UFLA), a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), USP Leste e UNICAMP, que participaram do projeto aprovado pela SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do MEC em 2010 – objetivando realizar a formação de 500 educadoras e educadores, sob responsabilidade das cinco universidades.

Muitas experiências indicaram a importância da “construção de redes que possibilitem a concretização de políticas públicas para a formação de educadoras e educadores que foquem a temática” (RIBEIRO, 2012). A inserção no PIBID tem essa dimensão, ou seja, “continuar produzindo novas demandas, descobertas, problematizações e o desafio da continuidade dos trabalhos, haja vista a complexidade do tema e do aprofundamento teórico” (Idem, p. 13).

Assim, um dos fios puxados com as discentes de Pedagogia potencializa o desafio à reflexão, a partir de atividades intencionalmente realizadas para tal finalidade .

Elenco alguns dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos nas escolas públicas que abrem suas portas para o PIBID Pedagogia – Gênero e Sexualidade: “Como assim?": O possível e o inusitado nas brincadeiras com materiais ressignificados (ROQUINI, Cláudia e PEREIRA, Giane); Expressões das resistências no tempo e espaço na Educação Infantil: As relações de gênero e as sexualidades (GUIMARÃES, Juliana; BERNARDO, Priscila; SILVA, Natany); A expressão artística da sexualidade infanto-juvenil (FARIA, Alissa; SOUZA, Tatiane); “Menina brinca de carrinho?": Gênero nas histórias para crianças (ALVES, Elisabeth; PEREIRA, Melissa); Violências contra crianças e adolescentes: Problematizações a partir de aparatos culturais (MALTA Claudinéia; AMARAL, Marco); “O homem sustenta a casa e a mulher cuida dos filhos”: Problematizando relações de gênero e sexualidades no espaço da sala (SANTOS, Silmara Aparecida; ROQUINI, Cláudia)

Ação/reflexão/ação, muita pesquisa de textos culturais para discuti-los, muito estudo para escutar os discursos que as crianças aprendem – e que fazem funcionar como verdadeiros – para tentar interferir sabendo o que falar e o que silenciar. Quantas verdades sobre as sexualidades e o gênero constituindo a cultura das infâncias!

Nos meus estudos sobre as sexualidades e as infâncias, nessa imersão nas instituições de Educação Infantil, nos estudos sobre o imaginário das águas e, com o objetivo de provocar reflexões, compus o texto intitulado “Educação para a sexualidade nas nuvens: Quando há o

anúncio das tempestades...” (RIBEIRO, 2012), que instiga a pensar a metáfora das nuvens para referir-se à sexualidade das crianças porque, “simbolicamente, as nuvens revestem-se do indeterminado (...) são símbolo das metamorfoses, pois elas são o próprio devir” (p. 35). Contraditoriamente, são também tempestades: “quanta agitação extraordinária, ventos, trovões, tumultos, estrondos, perturbações, desordens...” (p.38). Haja PIBID Pedagogia Gênero e Sexualidade para mergulhos nas experiências com as crianças!

Diversidade: Sabemos que também tens desenvolvido o projeto de extensão “Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais na infância”. Que ações têm realizado no âmbito deste projeto?

Cláudia: Mergulhada na simbologia das águas e ciente das (im)possibilidades de grandes e pequenas inserções em cidades do sul de Minas Gerais, compusemos o projeto intitulado “Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais”, que foi aprovado pelo PROEXT/MEC/2015. Esse projeto articulou ensino, pesquisa e extensão, com vistas à produção de conhecimentos na área de Direitos Humanos – e, em especial, sobre as questões de gênero e sexualidade, articuladas com as problemáticas da infância e as violências sexuais. O projeto objetiva realizar a formação técnica e política na temática das violências sexuais, de profissionais da Educação Infantil da rede pública municipal, integrantes do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, conselheiros/conselheiras tutelares, profissionais que atuam no CRAS e CREAS dos respectivos municípios. Esse processo formativo contempla 80 horas de curso. O projeto objetiva publicar um livro para estudo na região, nas 14 cidades que participaram do curso. Objetiva, também, construir jogos para desencadear a fala das crianças sobre as violências sexuais; produzir cinco edições de um jornal contendo as temáticas dos Direitos Humanos com foco nas violências sexuais; além de realizar atividades com crianças a partir de textos culturais.

Uma das ações do “Borbulhando...”, inspirada no Projeto de Extensão desenvolvido na FURG do qual participei de seu encerramento, foi a realização da I Mostra Cultural 18 de Maio - Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças de Adolescentes. Além de integrantes das 14 cidades que participam do curso referente ao “Projeto Borbulhando...”, foram parceiros o PIBID Pedagogia, o Fesex, o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE – da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), no contexto do projeto intitulado “Observatório Brasileiro de Políticas Públicas de Promoção de Equidade

de Gênero e Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) em Educação”. A Mostra teve como objetivo contribuir com ações para o enfrentamento à violência e à exploração sexual de crianças e adolescentes. As produções da Mostra sob a forma de desenho, slogan e poesia, foram divulgadas de forma itinerante nas 14 cidades que participam do projeto. Toda essa produção está veiculada no seguinte endereço: www.pibidpedagogiaufra.blogspot.com.br.

Desde a aprovação do projeto “Borbulhando...” pela SECADI, os/as integrantes do grupo de pesquisa Fesex participam de reuniões de estudos e discussões sobre a temática das violências sexuais, e esse processo se instaurou visando a produção do livro com o mesmo título do projeto. Conforme já disse anteriormente, esse procedimento de articular ensino, pesquisa e extensão é uma constante na produção de conhecimento. Assim, contemplando também o material empírico advindo do curso, estamos finalizando o livro que irá para o prelo em meados de dezembro. Considero relevante informar que os textos já passaram por minha orientação, por pareceristas e, no momento, são lidos por colegas do grupo de pesquisa Fesex para fomentar discussões. Tudo isso integra a formação dessas pessoas.

Apresento, assim, os títulos dos textos que comporão o livro Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais: Cartografias do corpo em movimento: Borbulhando gênero e sexualidades nas danças circulares (VELOSO, Leandro; ALVARENGA, Marlyson); Corporeidades e Infâncias: Entre o ódio, a paixão e o adeus (BARBOSA, Vanderlei); Borbulhando memórias sobre violências sexuais (MARTINS, Kátia); Em meio a bolhas e borbulhas (SILVA, Aline; FARIA, Daniele; PERPÉTUO, Lays); Manchas da violação: A expressividade das artes (SILVA, Gislaine); Tecendo redes de proteção, saberes e poderes para o enfrentamento às violências sexuais (SILVA, Luciene; RIBEIRO, Fátima); Um olhar sobre olhares: Violências sexuais que borbulham no cotidiano (ALVARENGA, Carolina; DIAS, Jaciluz); Borbulhando conceitos nas tessituras de projetos de extensão: Uma análise crítica do livro Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil e sua relação com o Projeto Borbulhando... (LIMA, Andresa; SILVA, Cleonice; COSTA, Elisabete); “Socorro não é meu nome. Socorro não é meu apelido! Socorro é meu apelo, pra você que é cego, surdo e mudo para o meu desespero”: Problematizando ações para marcar o dia 18 de maio (GUIMARÃES, Juliana; SANTOS, Silmara); Nuvens escuras que costumam encobrir o sol ou a lua: concepções de violências sexuais contra crianças (FARIA, Livia); Crianças e mares muitas vezes navegados (MELO, Ailton); Corpos

em ebulição na Educação Infantil: Borbulhas de poder, controle e vigilância na expressão das sexualidades de crianças pequenas (REIS, Fábio); A importância do professor e da professora na prevenção e no enfrentamento dos crimes ligados à pedofilia (abuso e exploração sexual) (FORTES, Carlos); Violências contra crianças e direitos humanos em livros para a infância e filmes de animação (XAVIER FILHA, Constantina).

Diversidade: Os debates sobre os Planos Nacionais, Estaduais e Municipais de Educação que traziam em seu conteúdo as discussões de gênero e sexualidade provocaram em alguns grupos reações visando “defender as crianças e as famílias” e o combate a “ideologia de gênero”. Essas reações resultaram na retirada dessas temáticas em muitos Planos de Educação. Que efeitos você acredita que esse debate produzirá na discussão da educação para a sexualidade na escola?

Cláudia: Enxurradas de resistências! Outros tantos mergulhos na negação da educação para as sexualidades e problematizações das relações de gênero. Muitas movimentações sob a forma de Moções de Repúdio, manifestos por escrito, debates em rodas de conversa ou a presença nas reuniões das Câmaras de Vereadores/as. Cito o manifesto veiculado na página da Anped – Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa escrita pelo Grupo de Trabalho 23 – Gênero, Sexualidade e Educação. Explicações conceituais elaboradas pela Prof^a. Jimena Furlani da UDESC - SC como a resposta à “Cartilha”, amplamente divulgada nas redes sociais.

E na micropolítica? Gostaria de reportar somente à minha prática educativa. Félix Guattari e Suely Rolnik, no livro “Micropolítica: Cartografias do Desejo” inspiram-me ao dizer que quando são criados espaços alternativos de ação, estes podem representar um movimento de transformação, de criatividade, de rompimento de cercos. No entanto, para fazer funcionar ao máximo o pequeno coeficiente de liberdade que se dispõe, é preciso analisar a cada momento os seguintes impactos: na criança e no contato com ela; no poder do Estado e a articulação com os trabalhadores/as que estão nos setores públicos da educação; as formações partidárias; os grupos sociais vários e diversos! E haja argumento para navegar pelas pequenas revoluções diárias!